**Os DUPLOs EM *ANFITRIÃO*, DE PLAUTO**

Júlia Lopes Pavão Martins (Fundação Araucária)[[1]](#footnote-1)

Unespar/*Campus* Paranavaí, julia.pavv@gmail.com

Marcelo José da Silva

Unespar/*Campus* Paranavaí, e-mail

Modalidade: Pesquisa

Programa Institucional: PIBIC

Grande Área do Conhecimento: Linguística, Letras e Artes

**INTRODUÇÃO**

Nas últimas três décadas do século IV a. C., se desenvolveu na Grécia uma modalidade teatral chamada de comédia nova. A comédia nova se caracteriza por tratar de temas corriqueiros da vida de pessoas de diferentes classes sociais, sempre de forma cômica; conhecida também como a comédia dos costumes, explora contrariedades que tem um final feliz após quiproquós vividos pelas personagens. Influenciados pelos textos pertencentes a comédia nova, os comediógrafos latinos os utilizam de base, fundindo dois ou mais textos em uma única peça, porém, características gregas ainda podem ser notadas, como o cenário, os nomes, as personagens tipo e as vestes. Os atores principais costumavam usar o *pallium*, um manto muito comum na Grécia, e daí advém o termo *palliata*, um qualificativo conferido a tal tipo de comédia. Como afirma Cardoso (2011), a estrutura interna das comédias latinas era muito semelhante à das helênicas, porém não apresentavam coros, apenas partes faladas e partes cantadas. Continham, normalmente, um prólogo e sofriam a divisão por atos muito mais tarde apenas.

Como um dos maiores nomes dessa época, temos o escritor Plauto, que era um verdadeiro homem do teatro, desempenhando simultaneamente todas as funções cênicas (ator, escritor, diretor), ganhou destaque por sua originalidade e qualidade poética-compositiva. Os prólogos que acompanham as peças são todos autorais, além de possuírem um caráter “didático” para o público, esses prólogos apresentavam uma sinopse da peça que seria apresentada e, ainda, aconselhava a forma que os espectadores deveriam se comportar, tudo isso visando uma melhor compreensão da obra. Com uma linguagem totalmente trabalhada para o cômico (cheia de neologismos, helenismos, aliterações colidentes, repetições cômicas e trocadilhos), Plauto serve de modelo para autores como Camões, Molière, António José da Silva e Guilherme Figueiredo, mesmo que muito de sua genialidade tenha se perdido por conta da tradução. O autor tem mais de cem peças atribuídas a sua autoria que nunca foi comprovada. Dessas, vinte e uma são confirmadas e conservaram-se quase completamente, segundo Cardoso (2011), sendo elas: *Anfitrião (Amphitruo), Os burros (Asinaria), A marmita (Aulularia), As Báquides (Bacchides), Os prisioneiros (Captiui), Cásina (Casino), O cofre (Cistellaria), O gorgulho (Curculium), Epídico (Epidicus), Os Menecmos (Menaechmi), O mercador (Mercator), O soldado fanfarrão (Miles gloriosus), O fantasma (Mostellaria), O persa (Persa), Psêudolo (Pseudolus), A corda (Rudens), Estico (Stichus), O trinumo (Trinummus), Truculento (Truculentus), A valise (Vidularia) e O cartaginês (Poenulus).* Entre as mais conhecidas temos *Os Menecmos, A marmita* e o objeto de análise deste estudo, *O Anfitrião.*

Na obra *O Anfitrião*, Plauto se utiliza do mito do nascimento do semideus Hércules, e logo no prólogo da peça, no monólogo da personagem Mercúrio nos é apresentado o enredo da peça: Júpiter se apaixona pela beleza de Alcmena, e aproveita que o marido, Anfitrião, está em guerra para se transformar nele e passar uma noite com ela. Júpiter leva seu filho, Mercúrio, a fim de que ele se transforme em Sósia, escravo da casa, para protegê-lo. Alcmena se encontra grávida do marido e, após a noite com Júpiter, acaba engravidando dele também. E, dessa forma, a confusão está criada. O cômico da peça reside aí, nos encontros de Mercúrio e Sósia, na crise de identidade de Sósia, nas confusões e desencontros de Alcmena e Anfitrião causados por Júpiter, e isso se faz possível, pois o autor explora a temática do duplo através dos sósias.

O tema do duplo nos remonta à Antiguidade Clássica e se mostra fecundo até a atualidade, sendo reinventado e reinterpretado várias vezes, por sua complexidade, a questão do duplo é objeto de estudo de vários teóricos, sendo um dos grandes mitos da literatura ocidental. O duplo representado nas peças de Plauto pode ser classificado como homogêneo e exterior, visto que o duplo simboliza o idêntico em “uma substituição apenas momentânea, e o original reencontra em seguida todas as suas prerrogativas” (BRAVO, 2000, p. 267), e percebemos uma diferença entre o “eu” e o “outro”, sendo o outro um estrangeiro ao contexto. Sendo assim, “a semelhança física entre dois personagens e os equívocos decorrentes são os argumentos das comédias de Plauto. [...] A semelhança física é usada para efeito de substituição, de usurpação de identidade; o sósia é confundido com o herói e vice-versa” (SOUZA, 2008, p. 11). Como efeito, o duplo enfraquece o homem, por ser uma representação de si, dos medos e anseios, dessa forma, causa uma “crise de identidade”, visto que a lucidez é questionada e os duplicados se veem em dúvida da própria originalidade. Podemos perceber esse efeito na fala do personagem Sósia no diálogo com Anfitrião após encontrar o seu duplo, Mercúrio:

SÓS. Mas tou dizendo, Anfitrião: Sósia, teu escravo, outro além de mim, juro, vou mostrar que vais encontrar chegando a casa, herdeiro do pai Davo, do mesmo jeito que eu sou, em forma, idade, igual à que eu tenho. Precisa dizer mais? Fizeram um Sósia gêmeo pra ti. (PLAUTO, 2016, p. 122)

O tema do duplo, de identidade e de alteridade, de desdobramento do Eu, não é uma coisa colada ou externa: é a nossa realidade constitutiva, tendo em vista que sem alteridade não há unidade. O duplo está no campo da literatura fantástica, de acordo com Todorov (2004), já que é a produção de um acontecimento aparentemente sobrenatural e estranho, que não pode ser explicado pelas leis do nosso mundo familiar. Para Mello (2000), a literatura é um dos principais âmbitos em que o duplo é tratado de forma profunda, já que o ato de criação do autor, ao se desdobrar como narrador ou personagem na história, já caracterizaria o duplo.

Nesse sentido, o objetivo central deste estudo é entender a presença do duplo na peça de Plauto e a forma como o dramaturgo retoma aspectos da tradição clássica e os ressignifica. Para tal, foi realizado um levantamento bibliográfico acerca da temática, bem como uma leitura da peça e de como o duplo se configura de maneira significativa. Ademais, a estrutura interna da obra foi analisada, verificando os aspectos que são retomados e ressignificados pelo autor.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

A fim de que os objetivos deste estudo sejam alcançados, realizou-se uma revisão bibliográfica de obras e teóricos pertinentes ao tema. Dada a importância da temática do duplo na literatura, bem como a influência de Plauto até a atualidade, se fez importante um estudo aprofundado e teórico dos aspectos que os permeiam, partindo do autor e da Comédia Nova até o caráter mítico que configura o duplo.

Na obra *A Literatura Latina*, Zélia de Almeida Cardoso (2011) destina uma seção apenas para os estudos acerca das obras de Plauto, tal seção faz parte do capítulo “A poesia dramática: a comédia”. Nessa seção, a autora nos apresenta a vida de Plauto, as influências e a importância de suas obras até os dias atuais. Ademais, como a comédia nova influência as obras latinas em geral, incluindo as de Plauto.

Partindo desse texto, é possível compreender as características da comédia nova e sua influência na obra de Plauto, bem como os elementos ressignificados pelo autor, Cardoso (2011) nos apresenta a originalidade de Plauto, mesmo que a estrutura interna das obras e os temas sejam baseados nos helênicos, Plauto surge com os prólogos originais e com uma linguagem fortemente trabalhada para o cômico. Além de trazer o termo “tragicomédia”, criado por Plauto, partindo das relações estabelecidas na obra entre escravos, mortais e deuses.

No artigo “Um périplo pelo território do duplo”, Adilson dos Santos explora a presença do duplo como um fenômeno recorrente em diferentes períodos históricos e expressões culturais, desde a literatura até as artes plásticas e cinematográficas. Partindo das considerações teóricas de Santos (2009) acerca do duplo, podemos analisar as raízes mitológicas e psicológicas do tema, bem como a sua evolução junto a sociedade.

Na peça *O Anfitrião*, os estudos de Santos (2009) nos permitem identificar o protagonismo do duplo como um elemento-chave na trama e na caracterização dos personagens. É possível também observar como a peça exemplifica a fase inicial do duplo, na antiguidade clássica, bem como realizar uma análise aprofundada das representações do duplo na peça.

No artigo intitulado “O duplo em *Anfitrião*, de Plauto e *Um Deus dormiu lá em casa*, de Guilherme Figueiredo”, Ingrid Gross (2010) apresenta um breve resumo dos estudos do duplo na literatura, e a diferenciação entre o duplo endógeno, ou interno, e o duplo exógeno, ou externo. No primeiro caso, temos o duplo que surge do alter ego, e, no segundo caso, o duplo é apresentado como um outro ou a duplicação de si.

Dessa forma, é notável a perpetuação das obras plautinas, que são usadas como fonte de inspiração até a contemporaneidade. Ademais, apesar de não ser o foco do artigo, Gross (2011) nos apresenta os tipos de duplo existentes, e como Plauto se usa do duplo em *O Anfitrião* como o cerne da comédia. Tais pontos se mostram essenciais para compreendermos que, nas duas obras usadas no artigo, o duplo é o elemento central que produz o cômico, porém em cada uma temos um tipo diferente: duplo homogêneo em *O Anfitrião*, e duplo heterogêneo em *Um Deus dormiu lá em casa.*

No artigo de Eliane Batista (2010), denominado “Na esfera do mítico: manifestações literárias do duplo na antiguidade clássica”, a autora busca refletir sobre a dimensão mítica do duplo. Ela então nos apresenta Bravo (2000), que faz um panorama das manifestações do duplo na Antiguidade Clássica, concedendo o reconhecimento como “um dos grandes mitos da literatura ocidental”. O tema do duplo como algo mítico se faz um tema complexo, visto que tanto o duplo quanto o mito são objetos de estudos de várias áreas do conhecimento e sobre várias perspectivas também.

Batista (2010) apresenta um panorama feito por Bravo (2000), o duplo, primeiro chamado de *alter ego*, pode se manifestar como a existência de duas pessoas parecidas ou na relação do “eu” com o outro. Batista (2010) traz Carraté (2009) para a discussão, que soma a esses a oposição de contrários como uma manifestação do duplo. Sendo assim, temos as seguintes categorias de duplo: gêmeos, sósias, dois em um, eu - o mesmo e duplo contrário. Na peça O *Anfitrião*, temos o duplo manifestado por sósias.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A obra *O Anfitrião*, objeto deste estudo, tem início com um monólogo de Mercúrio que contextualiza a história. Nesse momento, Mercúrio já está vestido como Sósia, o escravo, e introduz as personagens e o que acontecerá na peça. Júpiter se apaixona pela beleza de Alcmena, e aproveita que o seu marido, Anfitrião, está em guerra para se transformar nele e passar uma noite com ela. Júpiter leva seu filho, Mercúrio, a fim de que ele se transforme em Sósia, escravo da casa, para acobertar Júpiter. Alcmena se encontra grávida do marido e, após a noite com Júpiter, acaba engravidando dele também.

Sósia aparece em cena, chegando em casa a mando do dono, Anfitrião, para contar a Alcmena que chegaram e que Anfitrião havia ganhado a guerra e matado o rei. Mercúrio, transformado em Sósia, o encontra na porta da casa e, obedecendo o pedido de seu pai, confunde Sósia, fazendo com que acredite que não é Sósia, que o verdadeiro Sósia seria aquele na frente da casa, ou seja, Mercúrio. O verdadeiro Sósia, então, volta ao navio onde Anfitrião se encontrava. Logo após, Júpiter e Alcmena saem da casa, e Júpiter, transformado em Anfitrião, afirma que deve ir embora para junto de seu exército. O deus restabelece a ordem do dia e da noite neste momento, pois havia congelado a noite a fim de passar mais tempo com Alcmena.

Logo depois, Anfitrião e Sósia aparecem indo para casa, e Anfitrião parece irritado e não crente da história de Sósia, de que haveria outro dele. Ao chegar em casa, Alcmena se surpreende pois tinha acabado de se despedir do marido (na verdade, Júpiter transformado em Anfitrião), e Anfitrião se aborrece com a esposa, tanto por não ter sido recebido como esperava, quanto por acreditar que a mulher havia se deitado com outro homem. Alcmena não entende, pois o homem que havia recebido na noite anterior era seu marido. Quando Alcmena traz a taça que Anfitrião levava em um baú para dar à esposa, o homem resolve ir chamar Naucrate, parente de Alcmena que estava no barco com ele.

Júpiter, então, retorna para a casa, ainda transformado em Anfitrião, e conversa com Alcmena, a fazendo acreditar que tudo não havia passado de uma brincadeira. Pede então a Sósia que chame Blefarão, capitão do navio, para jantar, e chama Mercúrio para que afaste Anfitrião da casa. Anfitrião então aparece e encontra Mercúrio, transformado em Sósia, que afirma não o conhecer e não o deixa entrar em casa. Nesse momento da peça, temos alguns fragmentos apenas. Júpiter e Anfitrião estão em casa, com a mesma aparência, bem como Blefarão. Os dois, então, tentam apoio de Blefarão para afirmar quem seria o verdadeiro Anfitrião, porém o capitão não chega a uma conclusão e vai embora, deixando os dois para decidir. Júpiter entra em casa, e quando Anfitrião jura vingança ao outro Anfitrião e corre em direção da casa, é atingido por um raio e cai desorientado.

Surge Brómia, escrava da casa, encontrando Anfitrião caído no chão. A escrava, então, acorda o patrão e conta sobre o parto que Alcmena teve, em um momento de dor, um trovão é ouvido e as duas crianças nascem, sem que Alcmena sinta dor. Enquanto os bebês estão sendo limpos, Brómia percebe que um é bem maior que o outro, e quando os coloca no berço caem duas serpentes com asas do alto, que vão em direção da criança maior. O menino luta com as duas, e as mata amarrando uma na outra. Aqui nasce o mito de Hércules.

Se escuta, então, a voz de Júpiter, que esclarece a história para Alcmena. Ao final da história de Brómia, ouvem-se trovões do céu, e Júpiter aparece para conversar com Anfitrião, a fim de que ele perdoe a esposa e que a harmonia que Júpiter havia tirado retome. É então o fim da peça.

Apesar de fortemente influenciado pela comédia nova, Plauto além de tradutor é um adaptador das obras, e tal título lhe é conferido graças a sua genialidade e originalidade. De acordo com Souza (2004), Plauto teria nascido na Úmbria, atual região central da Itália, por volta de 254 a. C., e de origem modesta, tendo como hipótese mais aceita entre os teóricos que ele seria um escravo liberto. Tinha o umbro como língua materna e conhecia bem o grego, o seu domínio do latim é atribuído a uma possível experiência em Roma quando jovem. Em Roma, Plauto logo ingressa em uma companhia teatral, e após um período de crise financeira, escreve comédias que lhe garantem retorno financeiro e o estabelecem como um dramaturgo de sucesso. Tinha o umbro como língua materna e conhecia bem o grego, o seu domínio do latim é atribuído a uma possível experiência em Roma quando jovem. Em Roma, Plauto logo ingressa em uma companhia teatral, e após um período de crise financeira, escreve comédias que lhe garantem retorno financeiro e o estabelecem como um dramaturgo de sucesso.

Sua estreia no teatro cômico ocorreu por volta de 215 a. C. apenas aos quarenta anos. Durante seus trinta anos de carreira, Plauto é um homem do teatro, sendo também palhaço, ator, diretor e empresário. Suas comédias *palliatas* são influências para inúmeros outros escritores, como Camões, e continua a ser estudada e apreciada até hoje. Além das questões relativas à qualidade compositiva-poética, o autor surge com novos elementos, como a expansão do papel do escravo, qualidade dos coros originais e uma linguagem trabalhada para cada personagem. Ademais, Plauto cria uma classificação para sua peça: uma Tragicomédia. Esse termo é apresentado e bem explicado por Mercúrio, logo no monólogo do coro da obra:

Agora vou falar o que vim aqui pedir e depois vou dizer o argumento desta tragédia. O que foi? Franziram a testa porque eu disse que vai ser uma tragédia? Ora, eu sou um deus. Já mudei: a mesma peça, se quiserem, transformo de tragédia em comédia sem tirar nem pôr um verso! Vai ser assim ou não? Querem? Mas que burro, eu... Como se eu não soubesse o que vocês querem, sendo um deus…Já percebi qual é a opinião de vocês nesse assunto: vou fazer uma mistura: uma tragicomédia. Porque fazer que seja toda comédia, onde entram reis e deuses, não acho adequado. O que é que eu farei então? Como tem também um papel dum escravo, farei do jeito que disse: uma tragicomédia. (PLAUTO, 2016, p. 40-41)

É na presença e convivência de deuses e escravos e na representação de deuses com defeitos de mortais (como o egoísmo de Júpiter ao enganar Alcmena) que Plauto se sustenta ao criar essa classificação. Seguindo o que afirma Aristóteles, que dramatizar é imitar pessoas em ações, uma Tragédia se caracterizaria pela imitação de pessoas superiores, e a Comédia como a imitação de pessoas inferiores, como temos uma peça sobre superiores e inferiores, deuses e escravos, a terminologia Tragicomédia se faz apropriada.

Plauto se utiliza da duplicidade dos personagens principais para criar uma série de mal-entendidos e situações cômicas que são fundamentais para a trama, dessa forma, se faz importante compreendermos a temática do duplo e como ela está presente na obra.

A temática do duplo se apresenta como uma das mais fecundas dentro da literatura, e participa da estrutura da literatura ocidental como uma oposição de contrários, vindo de pressupostos da doutrina filosófica dos mais antigos pensadores, como Heráclito e Platão. De acordo com Santos (2009, p. 53), para Carraté (1994), o duplo seria:

uma metáfora dessa antítese, ou dessa oposição de contrários, em que cada um encontra no outro seu próprio complemento. O desdobramento (a aparição do outro) seria o reconhecimento da própria indigência, do vazio que o ser humano experimenta no fundo de si mesmo e da busca do outro para tentar se preencher.

A questão do duplo é carregada por um percurso histórico e cultural, já que se faz presente desde o momento em que o indivíduo acredita ser constituído por dois elementos: o corpo (visível, exterior e mortal) e a alma (invisível, interior e imortal). Partindo da relação do duplo na esfera religiosa, Otto Rank (2013) afirma que suas raízes se encontram na consciência mitológica dos povos antigos, e é encontrado no folclore, histórias de magia, superstições, antigos costumes religiosos etc. Em relação à sombra, uma das formas de manifestação do duplo, existem várias superstições e temores, que delas surgem ritos e tabus; acreditava-se que a sombra e seu possuidor tinham uma ligação, a ponto de um sofrer de danos causados ao outro. Igualmente à sombra, o reflexo era visto como se “o além dos espelhos é o verdadeiro reino dos duplos, o reverso mágico da vida” (MORIN, 1988, p. 127). Tal temor também se estende às imagens, justificando o receio de alguns povos de serem fotografados ou pintados, pois se entendia que o retrato captava a vida da pessoa. Segundo Otto Rank (2013), que analisa a origem do duplo como uma angústia da morte que ameaça a personalidade, primeiro o duplo aparece como uma garantia contra o sepultamento do ‘eu’, e depois passa a representar uma consciência que persegue e atormenta o homem, trazendo à tona a morte e a invencibilidade do ‘eu’.

Na literatura, Bravo (2000) afirma que a temática do duplo pode ser dividida em fases, com suas características próprias. Na primeira fase, que perdura da Antiguidade ao final do séc. XVI, o duplo era uma figuração do homogêneo, com uma concepção de homem “postulado da unidade da consciência, da identidade de um sujeito, única e transparente” (BRAVO, 2000, p. 267).  Figurando o homogêneo, o duplo simboliza o idêntico, e é retratado como gêmeo e sósia - fisicamente semelhante, porém com identidades e subjetividades próprias; nas comédias de Plauto, tal duplo é recorrente. Nessa fase, “o duplo instaura uma substituição apenas momentânea, e o original reencontra em seguida todas as suas prerrogativas” (BRAVO, *op. cit*., p. 267). A segunda fase do duplo, então, inicia-se no fim do século XVI, vindo de um pensamento de subjetividade, o duplo passa a simbolizar a separação da personalidade, a divisão do ‘eu’ e o seu fracionamento infinito, tornando a heterogeneidade o foco da problematização.

De acordo com Julia Kristeva (1994), pode-se também dividir o duplo em tipos: interior e exterior. O duplo exterior se compreende por uma diferença inevitável entre o ‘eu’ e o *outro*, que é estrangeiro ao contexto, que gera um confronto; é no confronto que surge o reconhecimento de que o outro é seu duplo. Nessa modalidade, a origem do duplo é extrínseca ao ‘eu’, do exterior em direção ao interior. Já o duplo interior, surge da representação de uma cisão interna, em que o indivíduo libera partes aprisionadas em si mesmo, as materializando em um segundo ‘eu’ autônomo a ele, normalmente visto como o antagonista. Na peça, fica claro a presença do duplo exterior, e isso pode ser bem ilustrado na fala de Mercúrio no início da obra: “É que o meu pai, Júpiter, tá lá dentro; virou a cara de Anfitrião [..]. Já eu tomei a forma do escravo Sósia” (PLAUTO, 2016, p. 44-46). Mercúrio e Júpiter não se tornam Sósia e Anfitrião, apenas tomam a sua forma. Podemos salientar isso na fala de Sósia ao se encontrar com Mercúrio:

Com certeza, eu o contemplo e reconheço a minha forma, como eu sou - já me olhei muito no espelho - é parecidíssimo; [...], Mas, quando eu penso, é certo que sou o mesmo que sempre fui. Conheço o meu senhor, conheço a nossa casa; claro que sei e sinto. (PLAUTO, 2016, p. 68)

A semelhança se encontra no exterior, Sósia continua pensando e sentindo como Sósia, e Mercúrio continua pensando e sentindo como Mercúrio.

Da relação com o *outro*, seja interior ou exterior, emana uma perseguição do estrangeiro que existe em nós, nos fazendo voltar ao nosso interior e buscar se entender, e desse modo o tema do duplo na literatura desconstrói identidades, desfazendo a ideia de unidade que cada um tem de si. Como afirmado por Otto Rank (2013), a temática do duplo representa a constante busca do ser humano de compreender a si próprio. Tal busca pela identidade é representada na peça *O Anfitrião* pela crise de identidade suscitada no escravo pelo encontro com Mercúrio, seu sósia:

SÓS. Com certeza tu não vais me tirar nunca que eu não seja eu... digo, nós; e de nós, fora eu, ninguém mais é o escravo Sósia, que daqui saiu junto com Anfitrião no exército.

MER. Esse homem está louco.

SÓS. Só se tiveres falando de ti mesmo. Como é que eu não sou Sósia, servo do meu amo Anfitrião? Por acaso o nosso navio não chegou de noite ao porto Pérsico comigo dentro? Por acaso meu senhor não me mandou aqui? Eu não estou na frente da nossa casa? A lanterna não está na minha mão? Não tou falando, acordado? Esse homem não acabou de me dar uma surra? Isso eu sei que fez, porque até agora ainda tá doendo a minha cara, tadinha. Por que então eu duvido, e por que não entro na nossa casa? (PLAUTO, 2016, p. 64)

É possível observar que a presença do duplo cria para o “eu” essa crise interna de identidade. Apesar de Sósia saber que é ele mesmo, estar face a face com o seu duplo suscita essa crise, a ponto de duvidar quem é e em que momento deixou de ser ele. Tal crise se apresenta de forma tão profunda em Sósia, que ele chega a afirmar sobre Mercúrio que “Ele venceu pelos argumentos, vou ter que procurar outro nome.” (PLAUTO, 2016, p. 66). O encontro e a identificação do outro como o seu duplo, faz com que Sósia transforme a crise em uma certeza, de que, por algum motivo, não é mais ele mesmo. Podemos perceber no diálogo que ele tem com Mercúrio:

MER. O que foi? Eu convenci nos argumentos que não és Sósia?

SÓS. Tás dizendo que não sou?

MER. E precisa eu dizer, se eu já sou?

SÓS. Por Júpiter, juro que eu sou e não tou mentindo!

MER. E eu juro por Mercúrio que Júpiter não acredita em ti; que eu sei que ele acredita mais em mim sem jura do que em ti com jura.

SÓS. Quem eu sou, pelo menos, já que não sou Sósia? Eu pergunto.

MER. Quando eu não quiser mais ser Sósia, podes ser; agora que eu sou, vais apanhar se não fores embora, idiota! (PLAUTO, 2016, p. 66)

Bem como, tal percepção se concretiza na súplica que Sósia faz:

SÓS: Eu vou embora então. Meus deuses, peço a vossa piedade, quando foi que eu morri? Quando mudei? Quando perdi a forma? Será que eu me esqueci de mim em algum lugar e me perdi? Porque esse ai possui a minha aparência, como era antes. Fizeram-me em vida o que nunca ninguém vai me fazer em morte”. (PLAUTO, 2026, p. 68)

A crise do “eu” é o efeito que o *outro* causa no “eu”. Como afirma Calobrezi (*apud*. Santos, 2009, 74), isso se dá porque “o encontro com o *outro* suscita a ‘possibilidade ou não de ser um outro [...] estar em seu lugar - o que equivale a pensar sobre si e a fazer um outro para si mesmo’ - descobrindo assim um outro interior” (2001, p. 22), dessa forma, o encontro com o seu duplo externo causará uma confusão interna no “eu”, um efeito permanente e que perceberemos em Sósia ao decorrer de toda a peça e que será também o centro cômico da peça, como no trecho:

ANF. Desgraça, com que pacto — pensa aqui comigo com lógica — é possível, que tu tejas aqui e em casa? Quero que se diga isso.

SÓS. Pois eu tou mesmo tanto cá como lá. Pode quem quiser se admirar, que nem pra ti isso parece mais incrível do que pra mim mesmo.

ANF. Como?

SÓS. Tou dizendo que em nada isso é mais incrível pra ti que pra mim; pelos deuses, nem eu de primeiro tava acreditando em mim mesmo, Sósia, até que o Sósia lá fez que euzinho acreditasse nele. Contou tudo em ordem, cada coisa que foi feita, enquanto estávamos, lá nos inimigos. E aí levou embora a minha forma com o meu nome. (PLAUTO, 2016, p. 120)

Sósia, afetado pelo duplo, acredita que se perdeu de si, porém Anfitrião não compreende a situação que aparenta ser racionalmente impossível. Nessas situações, o cômico se apresenta também pelo constante desentendimento. O trecho supracitado pertence a um diálogo entre Anfitrião e Sósia fortemente marcados pela confusão que o duplo gera: Sósia afirmando que existe outro como ele, e Anfitrião convicto de que Sósia estava sob o efeito do vinho, maldição ou seria efeito de um sonho. Porém, após o encontro de Alcmena e Anfitrião e os desentendimentos que decorreram da transformação de Júpiter em Anfitrião, Sósia passa a acreditar que o duplo afeta não só ele, mas seria a causa de todos os problemas, como no trecho: “O quê, eu vou abrir? Tá selada direitinho, coisa feita e bem feita: tu pariste outro Anfitrião, eu pari outro Sósia; agora, se o canecão pariu um canecão, todo mundo agora é gêmeo”. (PLAUTO, 2016, p. 138)

Como Sósia já havia se encontrado com seu próprio duplo anteriormente, sua percepção se modificou, já que foi duplicado, seu dono, Anfitrião, e o canecão que haviam levado como presente para Alcmena poderiam ter se duplicado também. Partindo do encontro do “eu” com o “outro”, o duplo passa a ser uma possibilidade real, mesmo quando o encontro não se faz de forma direta, pois a possibilidade de um duplo de Anfitrião suscitada por Sósia no diálogo com Alcmena, o faz mudar de opinião:

SÓS. Pois se ela tiver falando a verdade, tá bem muito no prumo.

ANF. Estou tão amolecido dum jeito que não sei mais nem quem sou eu.

SÓS. Tu és Anfitrião, ora, cuidado aí pra não te roubarem de ti: as pessoas tão mudando tanto desde que chegamos de viagem… (PLAUTO, 2016, p. 142)

Plauto, ao colocar a personagem Sósia como principal foco do efeito do duplo, contribui para a expansão do papel do escravo, uma característica de suas obras. Sósia é assim reconhecido e entendido na peça para além de um simples escravo, é parte constituinte e importante da trama.

O duplo é entendido como um dos grandes mitos da literatura ocidental. Entender o duplo como algo mítico se faz complexo, visto que tanto o duplo quanto o mito são objetos de estudos de várias áreas do conhecimento e sobre perspectivas também. Em relação à peça, podemos considerar uma contribuição de Bravo (2000, p. 266), que traz uma nova categoria de duplo, denominada como duplo mágico, que se refere a situações em que um deus se une a uma mortal para o nascimento de um herói salvador. Esse duplo nos é apresentado em *O Anfitrião*, pois Júpiter se transfigura em Anfitrião para conquistar Alcmena e desse encontro nasce Hércules. Podemos percebê-lo na fala de Mercúrio:

Agora prestem atenção, enquanto vou dizer o argumento desta comédia. Esta cidade é Tebas. Nesta casa mora Anfitrião, nascido em Argos de pai argivo, com quem se casou Alcmena, filha de Eletrião. Pois então, esse Anfitrião comanda um exército, porque o povo tebano está em guerra com os teléboas. Ele, antes de se ir embora com o exército, engravidou Alcmena, sua mulher. Pois bem, vocês já sabem — eu acho — como é o meu pai... Quão liberal em “certas coisas” ele é, e como fica gamado quando aprecia uma coisa. Ele apaixonou-se por Alcmena sem que o marido soubesse, aí tomou emprestado o corpo dela pra si, deu um arrocho nela e engravidou-a.

 Agora, pra deixar claro: Alcmena tá grávida dos dois: do marido e do grande Júpiter. (PLAUTO, 2016, p. 44)

É muito presente na mitologia a presença do duplo se manifestando como gêmeos, normalmente opostos um ao outro, como é o caso da história de Rômulo e Remo, filhos de Marte e cuidados por uma loba que reestabelecem o trono e fundam a cidade de Roma. A manifestação por meio de seres duplos, como o Minotauro e os Centauros, e como oposição de contrários, como Prometeu e Epimeteu, se apresenta como um terreno fecundo para estudos do duplo. Sob a perspectiva mítica do duplo como se manifesta em *O Anfitrião*, se faz importante a ressalva de Eliade (1963, p. 12-13):

Pessoalmente, a definição que me parece menos imperfeita, porquanto mais lata, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, no tempo fabuloso dos “começos”. Noutros termos, o mito conta como, graças aos feitos dos Seres Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja a realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narração de uma “criação”: descreve-se como uma coisa foi produzida, como começou a existir.

A temática do duplo pode se revestir desse caráter místico, já que mostra uma ininterrupta busca de respostas que surgem de questões criadas partindo do encontro do “eu” com o “outro” e na relação estabelecida, isso porque o mito esconde e esclarece anseios e medos da alma humana.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo do estudo, pôde-se evidenciar o uso que Plauto dá ao duplo a fim de gerar o cômico e como ressignifica elementos já tradicionais nas peças gregas. Por meio de uma linguagem trabalhada para o cômico, com neologismos e carregada de ironia, Plauto leva o espectador ao riso e a tensão quase simultaneamente por meio do duplo. Por tais características, *O Anfitrião* é classificada, pelo próprio autor, como uma tragicomédia.

São os aspectos tradicionais que o autor ressignifica em suas peças que o fazem ser além de um simples “transformador” de peças gregas em latinas. Ao expandir o papel do escravo na obra e criar um ambiente em que deuses e mortais convivem e demonstram seus defeitos, Plauto traz o novo a uma estrutura já muito conhecida por aquele povo. Mesmo influenciado pela comédia nova, Plauto mostra toda a sua originalidade, o que faz com que o autor siga sendo inspiração para tantos outros autores e que suas obras sejam, ainda, objetos de muitos estudos.

Ao classificar a peça como uma tragicomédia, Plauto deixa em evidência a intenção de retratar deuses com os defeitos dos mortais, e mortais que coexistem com os deuses. Daí se faz possível a junção desses termos, visto que as tragédias representavam os deuses e os seres mitológicos, e a comédia era responsável por denunciar as imoralidades humanas. Ao unir essas duas coisas, através do duplo, Plauto, mais uma vez, ressignifica um aspecto tradicional da dramaturgia.

Além dessas questões, o uso do duplo pelo autor traz à peça um caráter único. O duplo é manifestado na peça como um duplo homogêneo e exterior, visto que é o “outro” que afetará o “eu”, com Júpiter e Mercúrio se transformando em Anfitrião e Sósia, respectivamente. Tal duplo é carregado por confusões, desentendimentos e quiproquós, algo característico e marcante durante toda a peça e que se mostra como principal elemento para o cômico. Plauto utiliza do duplo, ora dramático quando envolve Anfitrião, Júpiter ou Alcmena, ora cômico com Sósia e Mercúrio, para quebrar a expectativa do espectador e causar o riso.

A temática do duplo se apresenta como um dos mitos da literatura, visto que transpassa por séculos como um elemento fortemente presente na literatura. O duplo, presente na sociedade desde a consciência mitológica dos povos antigos, sempre foi carregado por superstições e temores. Permeando pelo caráter filosófico e religioso do duplo, na literatura, podemos encontrar um terreno fecundo para produções que usam do duplo como tema central desde a Antiguidade. Por estar tão presente na mitologia, o duplo carrega um caráter mítico também, visto que põe em xeque a noção do “eu”, tão fortemente concebida na sociedade ocidental e mostra os temores e as angústias humanas, levando a reflexão sobre a ininterrupta busca de respostas que a humanidade tem quando se encontra com o seu “eu” e na sua relação com o outro.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultura Ltda, 1999.

BATISTA, E. Na esfera do mítico: manifestações literárias do duplo na antiguidade clássica. *In*: **Vertentes teóricas e ficcionais do insólito – Comunicações em Simpósios e Livres I Congresso Internacional Vertentes do Insólito Ficcional/IV Encontro Nacional O Insólito como Questão na Narrativa Ficcional/XI Painel Reflexões sobre o Insólito na narrativa ficcional**. Flavio García; Maria Cristina Batalha; Regina Silva Michelli (org.) – Rio de Janeiro: Dialogarts, 2013.

BRAVO, N. F.. 2000. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários.** Trad. Carlos Sussekind et al. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, p. 261-288.

CALOBREZI, E. T. **Morte e alteridade em Estas Estórias.** São Paulo: Edusp., 2001.

CARDOSO, Z de A. As comédias de Plauto. *In*: **A literatura latina**. 3a ed. rev. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. O Anfitrião, de Plauto: uma tragicomédia? **Itinerários**, Araraquara, n. 26, p. 15-34, 2008.

ELIADE, M.. **Aspectos do Mito**. Lisboa: Edições 70, 1963.

GROSS, I. **“O duplo em Anfitrião, de Plauto, e Um Deus dormiu lá em casa, de Guilherme de Figueiredo”**. Cadernos do CNLF, Vol. XIV, tomo 2, Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MELLO, A. M. L de. As faces do duplo na literatura. *In*: INDURSKY, F.; CAMPOS, M. C. A. **Discurso, memória, identidade**. Porto Alegre: Sagra Luzato, 2000.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Duplo. *In*: Zilá Bernd (Org.). **Dicionários de figuras e mitos literários das américas**. Porto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007, p. 229-234.

MORIN, E. 1988. **O homem e a morte**. Trad. João Guerreiro Boto e Adelino dos Santos Rodrigues. Mira-Sintra: Publicações Europa-América.

PLAUTO. **Comédias**. Seleção, introdução, notas e tradução de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1978.

RANK, O. **O Duplo**: um estudo psicanalítico. Trad. Erica Sofia Luisa Foerthmann Schultz et al. Porto Alegre: Dublinense, 2013.

SANTOS, A. Um périplo pelo território do duplo. **Investigações**, Pernambuco, v. 22, p. 51-101, jun. 2009.

SOUZA, M. M. de. **Plauto e a Aulularia**. Revista Philologus, Ano 30, nº 07. 2004.

SOUZA, E. F. de. **Auto dos Anfitriões e O homem duplicado: diferentemente iguais**. Dissertação (Pós-graduação em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008, 122 f.

TODOROV. T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

1. O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação Araucária/SETI, por meio de bolsa concedida ao estudante Júlia Lopes Pavão Martins. [↑](#footnote-ref-1)